

BRUNO CARNEIRO LIRA

# O TEXTO E SUA INTERPRETAÇÃO

NOÇÕES DE SEMÂNTICA, PRAGMÁTICA E PROSÓDIA



# Prefácio

“Minha pátria é a Língua Portuguesa.”

Fernando Pessoa

Quando Dom Bruno me solicitou que escrevesse o prefácio de seu próximo livro, pensei se tratar de brincadeira inocente. O suposto convite aconteceu em uma quarta-feira, após nosso planejamento pedagógico, que ocorre, periodicamente, na unidade do Sesc de Santo Amaro das Salinas. Eu, crendo se tratar de brincadeira do padre, aceitei sem relutar.

Produtivo como é, no dia seguinte, revisitou a conversa e disse-me que já estava encaminhando o livro e que faltavam apenas dois ou três capítulos. Nesse momento, descobri que o convite era factual, e eu teria a missão delicada de prefaciá-la obra.

Naturalmente, louvei sua condescendência sacerdotal, pois poderia ele pedir a alguém mais qualificado que desenvolvesse a tarefa, contudo, preferiu me presentear com a diáfana, porém difícil, incumbência. E, como diz um adágio, “missão dada é missão cumprida”, eis o prefácio.

O título já aponta para o objetivo da obra, qual seja, iniciar o leitor ingênuo nas encruzilhadas da linguagem. Propõe-se o estudioso a investigar aspectos usuais da comunicação, tendo por base a semântica, a pragmática e a prosódia. E o faz com rigor e, ao mesmo tempo, leveza. Os exemplos de que se serve o autor podem ser encontrados nos variados ambientes em que a comunicação se realiza. Nesse sentido, ele procura dialogar com renomados teóricos da linguagem, como, por exemplo, Ducrot, Bakhtin entre outros estudiosos.

Justamente, nesse momento em que, na academia, intensificam-se os estudos da valoração da linguagem “viva”, cujo contexto de uso ganha evidência, torna-se pertinente a intenção do autor de ratificar aspectos da linguagem tão presentes nos mais diversos espaços comunicativos.

Convém ressaltar a relevância que se dá aos gêneros discursivos cotidianos. Nesta obra, sob a égide dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicados no ano de 1998, o autor parece propor, para sala de aula, uma intervenção que utilize os vários gêneros discursivos. Nada mais justo, pois a escola não se deve limitar aos gêneros tradicionalmente aceitos, e sim inserir, no ambiente escolar, entrevistas, cartas, notícias jornalísticas, artigos de opinião, receitas, textos publicitários etc.

Afigura-me ainda que, a todo instante, o pesquisador pretende afirmar a importância do discurso contextual, quando a linguagem apenas ganha sentido em situação de uso. Bem assim, a locução, para se tornar precisa, sempre dependerá da interpretação do leitor/ouvinte, pois reside nele a finalidade da mensagem.

A tríade por Dom Bruno estudada está presente em todos os enunciados, pois não há mensagem, se estiver ausente. Considerando a pragmática, a semântica e a prosódia, sabe-se que são responsáveis pela construção linguística junto à situação comunicativa. Sem elas, haveria uma uniformização do discurso, faltaria a individualidade, a subjetividade do falante. Nesse sentido, são primordiais para a compreensão do que se pretende expressar.

Durante diversas práticas habituais, ao fazer uso da linguagem, o ser humano se utiliza dos gêneros. Estes existem porque a língua é um instrumento de interação que contribui com as práticas sociais de produção e recepção, sendo

impossível se comunicar sem o uso de um gênero discursivo. E Dom Bruno entende que a produção social discursiva é, de fato, uma tessitura infundável de resignificação. Eis o motivo de pôr sempre em relevo “o discurso na vida”.

Propõe o criador deste livro, como o título sugere, instrumentalizar o leitor com noções básicas sobre os assuntos abordados. E, pelos caminhos palmilhados, a obra será de utilidade ao público de diversos segmentos: estudantes do Ensino Médio, de Letras, àqueles que se preparam para prestar concursos públicos, além dos que, apenas por prazer, possam se interessar em aventurar-se nos estudos da linguagem.

Sabe-se que a linguística não se ocupa apenas da norma culta, seu papel essencial é tratar da epifania da “palavra”, seja oral ou escrita. Talvez, advenha dessa verdade a iniciativa de Dom Bruno em trilhar essas veredas: contribuir com o estudo da linguagem em processo criativo.

Convém sinalizar que, longe de esgotar o assunto aqui discutido, o autor submete ao leitor a obra em questão e entende ser o receptor também parte da obra. E, por isso, responsável por a ela dar sentido. Compartilhando e resignificando.

Espero que a abordagem encontrada neste livro seja veementemente utilitária para o leitor, numa justa valoração da linguagem como parte da inter-relação cotidiana, pois é de importante contribuição para o estudo da linguagem. Serve para mostrar que a análise dos fatos linguísticos se sobrepõe ao enquadramento da língua.

Aproveite sem moderação.

Laércio Queiroz

Doutor em Linguística (UFPB); mestre em  
Teoria da Literatura (UFPE);  
especialista em Antropologia (UFPE).

Dirigente da Comissão Pernambucana de Folclore  
e professor do Ensino Superior e do Ensino Médio da rede particular.

# Apresentação

Os humanos se diferenciam dos outros seres vivos pela capacidade racional de comunicação. Este traço distintivo é fundamental nas relações, pois, com a fala ou a escrita, podemos expressar nossas necessidades, escolhas, defesas de teses.

A língua, como um código arbitrário de comunicação, nasce naturalmente entre comunidades de falantes e se modifica através dos tempos, porque o homem é histórico-contextual e vai se transformando ao longo da história. Assim, palavras morrem, novos vocábulos nascem e outros renascem: os famosos arcaísmos e neologismos. Para que uma língua tenha vida, deve processar-se a partir de cinco aspectos que são fundamentais para sua existência: a fonética e fonologia; a morfologia; a sintaxe; a semântica e a pragmática. Como o próprio nome já indica pelo prefixo, a *fonética* e a *fonologia* estão preocupadas com os sons, sendo que a primeira se preocupa com os sons da fala de uma maneira geral e considera a importância do aparelho fonador para que os sons sejam produzidos (boca, lábios, dentes, palato mole e duro, glote, pregas vocais, respiração), pois tudo deverá estar em harmonia para que a comunicação oral aconteça sem ruídos. Já a fonologia atenta para os sons próprios de uma determinada língua em comunidades distintas de falantes, por exemplo, a Língua Portuguesa falada aqui no Brasil possui sons que lá em Portugal não existem e vice-versa. É nesse aspecto que se localizam as questões de *prosódia*, ou seja, a maneira como os sons se apresentam na fala, como entoa-

ção, tonalidade, altura, acentos, duração..., influenciando, diretamente, a interpretação dos textos orais. A *morfologia* estuda a forma da língua, suas classes de palavras e flexões. A *sintaxe* se preocupa com as relações dos vocábulos na composição dos segmentos linguísticos, pois, dependendo da disposição dos mesmos e da pontuação, os processos interpretativos e, conseqüentemente, os significados mudam. Esses sentidos formam os textos definidos aqui como uma unidade de sentido. É essa a preocupação da *semântica* que se constitui como a ciência da produção de sentidos, andando sempre junto com a *pragmática*, que se preocupa com os contextos de uso em determinado lugar onde a língua oral ou escrita é produzida. É daqui que vem a preocupação com a adequação linguística, pois, ao escrevermos ou falarmos nossos textos, temos que nos ater aos destinatários, a seus espaços socioculturais, para escolhermos a maneira do bem dizer ou escrever questões relativas aos gêneros, tipos e suportes textuais. Tudo deverá ser adequado aos interlocutores nos momentos dos atos de fala.

Durante muito tempo, a escola se preocupou, apenas, com os três primeiros aspectos linguísticos: a fonética/fonologia, a morfologia e a sintaxe. Estes elementos por si só não levam as pessoas a falarem bem, com desenvoltura, a terem fluência em escrever ou interpretar textos. São todos de grande auxílio, mas aquilo que se diz ou se escreve é para que seja entendido, por isso que, cada vez mais, o acento tem caído nas questões de semântica, pragmática e prosódia. Há, assim, uma inter-relação entre esses três aspectos da linguística, pois todos eles interferem nos significados das sentenças. Essa tríade constitui o objeto de estudo deste

compêndio, tendo os processos interpretativos como motivadores do mesmo. Vale a pena recordar, neste momento, as palavras de Manguel (2004, p. 19), uma verdadeira ode sobre o ato de ler e produzir sentidos nos textos em suas várias dimensões: “Ler as letras de uma página é apenas um dos seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo ou admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu – todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos. Algumas dessas leituras são coloridas pelo conhecimento de que a coisa lida foi criada para aquele propósito específico por outros seres humanos – a notação musical ou os sinais de trânsito, por exemplo – ou pelos deuses – o casco da tartaruga, o céu à noite. Outras pertencem ao acaso. E, contudo, em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou

que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial”.

Como vemos, o autor nos mostra, claramente, que a leitura vai além dos signos linguísticos e que sua compreensão passa pelos contextos sociais de cada leitor. São, portanto, os leitores que constroem os sentidos dos textos, sejam eles não verbais ou verbais. Ler como processo de construção de sentidos vem antes do escrever. Há pessoas que não escrevem, mas todas leem e falam.

E, ainda, para Demo (2009, p. 60): “Ler é processo cumulativo, no sentido de que cada leitura nova funda-se em outras anteriores e as transcende. Importa a compreensão, para além do reconhecimento das palavras. Não se leem palavras, mas constroem-se significados, nelas, por elas e, sobretudo, além delas e apesar delas”.

E é nesse sentido que nos deparamos com a tese de Bakhtin da dialogia e polifonia do discurso.

Aqui, temos a intrínseca relação entre a semântica, a pragmática e a prosódia, sendo que esta última é produtora de sentido a partir dos elementos suprasegmentais.<sup>1</sup>

Nosso livro está dividido em cinco capítulos, sendo o último as considerações finais.

O primeiro vai aprofundar as questões de semântica nos processos de construção dos sentidos dos textos, pois faz parte do nosso cotidiano produzir textos com significados para

---

<sup>1</sup> Acento, tonalidade, entoação, altura, ritmo... nos atos de fala.



serem entendidos em sua plenitude. Quando lemos ou ouvimos um texto, a primeira coisa a ser feita é compreendê-lo, interpretá-lo, a partir das nossas experiências, e retê-lo na íntegra. Como já vínhamos dizendo, trataremos de três tipos de abordagem: a semântica referencial, a mentalista (formalista) e a abordagem pragmática, pois são importantes para o entendimento pleno dos textos, já que no dia a dia não estamos preocupados com as questões de nomenclatura, classificações ou análises, mas sim com a compreensão daquilo que foi e é dito ou escrito. Ainda, encontramos uma interface direta entre a pragmática e a semântica, pois os atos de fala e suas implicações conversacionais apresentam temas que estão no mesmo terreno, os usos da língua.

A pragmática é assunto do nosso segundo capítulo, que partirá situando o momento de produção, ou seja, as situações de fala e seus efeitos intencionais dirigidos aos destinatários dos textos. Trata, portanto, dos usos da língua, utilizando o emprego da gramática nos diferentes atos de fala. Daí a preocupação com *o que dizer ou escrever*; com *o como*; *o onde* e *o para quem*.

O seguinte trará reflexões sobre as questões de prosódia, mostrando a importância do som no processo de produção oral dos textos (sobretudo, a acentuação tônica, a entoação, a duração e a intensidade, que constituem o seu objeto de investigação), assim como a sua influência na interpretação dos sentidos em determinada comunidade de falantes.

Em seguida, trataremos um estudo sobre a adequação linguística e sua importância nos processos comunicativos, enfatizando a humildade do emissor que se esconde por trás dos véus para favorecer, pela maneira simples e clara do di-

zer, o entendimento dos seus receptores. Esse capítulo também discute questões relativas à norma culta/padrão da Língua Portuguesa, a sua função social e aos momentos em que devemos utilizá-la. Todas essas reflexões favorecem o ato interpretativo, de grande utilidade para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e outros tipos de seleções.

Para concluir, sugerimos formas de ensino que tenham por base esta tríade: semântica, pragmática e prosódia, deixando o tema bem aberto para as futuras pesquisas e opiniões de nossos leitores e leitoras que, com toda certeza, completarão nossas linhas e darão, a partir de seus contextos, seus próprios sentidos a este meu texto.